

Tales Faria

Primeiras-damas abalam as campanhas eleitorais

A atual primeira-dama, Janja Lula da Silva (PT), e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro entraram com tudo na campanha eleitoral. Mas não foi da forma que queriam o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e seu antecessor, Jair Bolsonaro (PL).

Ambas entraram exatamente por onde esperavam seus críticos: trazendo problemas para as campanhas. E ambas obrigaram seus maridos a vir a público em suas defesas.

Em carta divulgada neste domingo, 1, pela própria Michelle, o ex-presidente criticou ataques vindos de setores da própria direita à sua mulher e fez um apelo por unidade entre aliados:

“Dirijo-me a todos que comungam conosco dos mesmos valores — Deus, pátria, família e liberdade — para dizer que lamento as críticas da própria direita diri-

gidas a alguns colegas e à minha esposa.”

Quanto a Janja, os aliados atribuem a seu exagerado envolvimento com a escola de samba Acadêmicos de Niterói, que apresentou no Carnaval uma homenagem a Lula, parte do crescimento da pré-candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) nas pesquisas para presidente.

Janja participou de ensaios da escola, levou equipe de Brasília a Niterói, com direito a jatinho do governo para conhecer o samba-enredo, e chegou a anunciar que desfilaria em carro alegórico. Na hora “H” o presidente a convenceu a não desfilar, mas o estrago já estava feito, segundo assessores.

Lula defendeu a esposa diante dos críticos e disse gostar muito do samba-enredo, mas que não teve njunção nos preparativos da homenagem.

De ambos os lados, as críticas se referem ao que seria a tentativa das pri-

meiras-damas de mandar nas campanhas dos maridos. É uma crítica histórica, que atingiu quase todos os ex-presidentes da República, inclusive sobre a condução de seus governos.

Do lado das primeiras-damas os auxiliares, mesmo os mais críticos, admitem que elas têm um papel fundamental. É atribuída a Janja, por exemplo, a vitalidade do presidente Lula, do alto dos seus 80 anos. Nem seus adversários se atrevem a dizer que o presidente não tem forças para governar.

Lula parece cada dia mais feliz com sua vida, mais empenhado em conquistar apoios, mais disposto para a campanha e para brigas.

Nos Estados Unidos, Joe Biden, teve que desistir de se candidatar à reeleição, aos 81 anos, em meio a críticas por idade devido a gafes e confusão de nomes e da-

tas nos pronunciamentos.

Quanto a Michelle Bolsonaro, as críticas parecem vir mais dos filhos do presidente, enciumados pelo desempenho da ex-primeira-dama nas pesquisas de opinião. Ela foi apontada como potencial candidata ao Palácio do Planalto e já lidera as pesquisas para o Senado pelo Distrito Federal.

Michelle teve atritos recentes com Flávio e ex-deputado Eduardo Bolsonaro, que estava incomodados com sua falta de entusiasmo na defesa da candidatura presidencial do filho Zero-Um do ex-presidente. Ela queria que o candidato da direita fosse Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Na carta que divulgou, Jair Bolsonaro deu a entender que este é problema. Pediu que Michelle só se envolva em questões políticas após o mês de março. Como diria o poeta, depois das águas de março.

Dora Kramer*

Regra de transição cheira a embromação

A cada vez que os Poderes se reúnem para combinar pactos de aperfeiçoamento nos respectivos comportamentos criam-se expectativas que em geral não se realizam por completo. Acontece quando há distorções a serem corrigidas, mas há resistências quase impossíveis de serem vencidas.

Aconteceu assim com o acordo sobre as emendas parlamentares, firmado num encontro entre representantes do Judiciário, Executivo e Legislativo, em agosto de 2024.

Houve a imposição de entraves, mas

o avanço sobre o Orçamento continuou e os abusos se materializam nos casos que frequentam o noticiário e nas dezenas de inquéritos em curso no Supremo Tribunal Federal sobre desvio de recursos. O problema, portanto, segue em aberto.

O caso dos penduricalhos salariais no serviço público sinaliza repetir a trilha da postergação. Ao surto de moralização provocado por um novo pacote de privilégios aprovado pelo Congresso, seguiu-se uma reunião de cúpula dos Poderes onde se decidiu por criar uma “regra de transição”.

Guardadas as proporções que ao fim

da malandragem conta com resistência bem maior, o espetáculo da leniência está de volta à cena. Isso é o que se depreende do ensaio geral chamado de transição, na qual caberia bem o codinome embromação.

Argumenta-se que o prazo até abril dado pelos ministros Flávio Dino e Gilmar Mendes para se pôr um fim na farra é exíguo. Seria necessário dar um tempinho a mais aos afortunados ilegais, a fim de lhes minorar o sofrimento de cumprir a Constituição. Fala-se em dar seis meses, em adiar as providências para depois

das eleições. Alega-se que o Legislativo tem outras prioridades e que é preciso primeiro o Executivo abraçar a causa.

O falatório, contudo, não esconde as evidências de que as gambiarras salariais são tratadas como direitos adquiridos e que a intenção é deixar o assunto esfriar na comodidade de um conveniente grupo de trabalho. Quem sabe esse afã não arrefece até que se arrume um jeito de propor mudanças para manter tudo mais ou menos como está?

***Jornalista e comentarista de política**

Lin Chia-lung*

Taiwan: Amizade, Parceria e Prosperidade

Escrevo este artigo sob a sombra do autoritarismo chinês, mas com a convicção de quem lidera uma nação que transformou o compromisso com a liberdade, a democracia e os direitos humanos em sua própria identidade. Ao completar 30 anos desde nossa primeira eleição presidencial direta, Taiwan consolidou-se como uma democracia vibrante e um parceiro global indispensável. No entanto, o valor que oferecemos ao mundo hoje vai além dos ideais compartilhados, ele é profundamente estratégico e prático.

Como Ministro das Relações Exteriores, tenho promovido uma transição fundamental em nossa estratégia: passamos da “diplomacia baseada em valores” para a “diplomacia de valor agregado”. Meu objetivo é mostrar que a solidariedade com Taiwan não é apenas um ato moral, mas um motor de prosperidade para nossos aliados. Taiwan funciona como um fosso que salvaguarda o Indo-Pacífico, uma

região por onde circulam 50% dos navios de contêineres do mundo. Qualquer instabilidade aqui, provocada pelo expansionismo autoritário, colocaria em risco o comércio global e a ordem internacional baseada em regras.

Enfrentamos diariamente táticas de coerção econômica, infiltração e ameaças militares. Por isso, transformamos nossos desafios em expertise. Em 2025, intensificamos nossa defesa contra a sabotagem de cabos submarinos e combatemos ativamente a desinformação gerada por Inteligência Artificial. Essa resiliência é um bem público que compartilhamos através de plataformas como o GCTF (Estrutura de Cooperação e Treinamento Global), ajudando outras democracias a fortalecerem sua própria segurança.

No campo econômico, nossa posição é única: produzimos 60% dos semicondutores do mundo e 90% dos chips avançados e servidores de IA. Países que

buscam diversificar suas cadeias de suprimentos para longe da dependência chinesa encontram em Taiwan uma alternativa segura e transparente. Diferente de modelos que geram armadilhas de dívida, nossa abordagem foca na sustentabilidade e no desenvolvimento mútuo. Estamos implementando projetos como o navio de emissão zero em Palau, o Parque Tecnológico Inteligente no Paraguai e parcerias de medicina digital no Reino de Essuatíni, na África.

Nossa aliança com os Estados Unidos é um exemplo prático dessa “diplomacia de valor agregado”. Recentemente, firmamos o compromisso de investir 250 bilhões de dólares nas indústrias de semicondutores e tecnologia americanas, com outros 250 bilhões em garantias de crédito para apoiar nossas empresas nessa expansão. Juntos, através da Declaração Pax Silica, estamos assegurando que as cadeias de suprimentos de IA permaneçam

estáveis e protegidas.

A exclusão de Taiwan de organizações como a OMS e o CPTPP (Acordo Abrangente e Progressivo para a Parceria Transpacífica) não é apenas uma injustiça contra nosso povo, mas uma perda para a comunidade internacional. Nossa experiência no combate à COVID-19 e nossos altos padrões de governança comercial poderiam fortalecer a segurança sanitária e econômica global.

O mundo livre precisa de Taiwan porque, ao trabalhar conosco, as nações ganham o que não podem encontrar em nenhum outro lugar: segurança reforçada, prosperidade técnica e o conhecimento vital para resistir à pressão autoritária. Seja pelo prisma dos valores ou dos interesses, Taiwan está pronto para ajudar a proteger o futuro de todos.

***Lin Chia-lung é Ministro de Relações Exteriores de Taiwan.**